

SOBREVIVÊNCIA JUDAICA NA *EPÍSTOLA SOBRE A APOSTASIA* DE MAIMÔNIDES (1162-1665 E.C.)

JEWISH SURVIVAL IN EPISTLE ON THE APOSTASY OF MAIMONIDES (1162-1665)

Layli Oliveira Rosado¹

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo: Maimônides (1135 – 1204 E.C.) foi um polímata judeu e renomado líder espiritual da comunidade judaica de Fustat, no Egito. Produziu diversos escritos em áreas como a religião judaica, a lógica, a filosofia e a medicina, desde compêndios, tratados e até epístolas. Para o presente trabalho, destaca-se as epístolas escritas pelo Rambam, em especial as que respondiam questões enviadas por judeus de comunidades na Diáspora, e que serviam de orientações para o cotidiano como minoria religiosa. É com esse intuito que Maimônides escreveu a *Epístola sobre a Apostasia*, por volta de 1165 E.C., que consiste numa resposta aos judeus em cotidiano de intolerâncias e perseguições. Nela, o Rambam trata sobre as conversões forçadas, diferenciando aqueles que se convertem voluntariamente daqueles que se convertem buscando a sobrevivência diante de políticas dominantes de intolerância religiosa. No presente trabalho, dessa maneira, objetiva-se realizar um breve estudo do contexto da escrita da epístola

Abstract: Maimonides (1135 - 1204 CE) was a Jewish polymath and renowned spiritual leader of the Jewish community of Fustat, Egypt. He has produced several writings in areas such as the Jewish religion, logic, philosophy and medicine, ranging from compendiums, tracts and even epistles. This current article focus mainly on the epistles written by the Rambam, especially those that answered questions sent by Jews of communities in the Diaspora, and that served as orientations for the daily like religious minority. That is why Maimonides wrote the *Epistle on the Apostasy*, around 1162-1165 CE, which consists of a response to the Jews in daily life of intolerance and persecution. There for, the Rambam deals with forced conversions, differentiating those who voluntarily convert from those who convert seeking survival through dominant policies of religious intolerance. In the present work, the objective is to show a brief study of the writing context of the abovementioned epistle and to understand the position

¹ Doutora em História, com ênfase em História Política, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tendo sido bolsista CAPES e orientada pelo prof. Dr. Edgard Leite. Mestre em História Social das Relações Políticas e Bacharel em História pela Universidade Federal do Espírito Santo, e graduanda em Direito pela mesma instituição. E-mail: laylirosado@gmail.com.

supracitada e compreender o posicionamento e a orientação de Maimônides aos judeus, evidenciando o discurso de sobrevivência e de resistência judaica.

Palavras-chave: Judaísmo – Maimônides – Epístola sobre a Apostasia.

and orientation of Maimonides to the Jews, evidencing the discourse of survival and Jewish resistance.

Keywords: : Judaism – Maimonides – Epistle on the Apostasy.

Introdução

No estudo da experiência judaica medieval, o entendimento acerca da Diáspora e suas consequências são fundamentais. Utilizando-se, ainda, do culturalismo norte americano, busca-se compreender a caracterização das culturas humanas através de elementos que são específicos de determinados processos históricos.² De acordo com Franz Boas,

[...] cada grupo cultural tem sua história própria e única, parcialmente, dependente do desenvolvimento interno e peculiar ao grupo social e parcialmente de influências exteriores às quais ele tenha estado submetido. Tanto ocorrem processos de gradual diferenciação quanto de nivelamento de diferenças entre centros culturais vizinhos.³

Dito isso, o conceito de *diáspora* permite tornar tangível questionamentos e posicionamentos de diversos personagens da história judaica. Visto que o processo diaspórico é contínuo, estando enraizado no pensamento judaico medieval. Não obstante, *diáspora* e *identidade* parecem andar de mãos dadas, uma vez que a interação que há entre o “eu” e o “outro”, podendo ser esse a sociedade, é que permite a definição da identidade.⁴ Sendo que no caso judaico a relação com o “outro” está permeada pelas condições impostas pela Diáspora. De acordo com Stuart Hall,⁵

² BOAS, F. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

³ Ibidem, p.45.

⁴ SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 73-102.

⁵ HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 110.

[...] apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que fala, com aquilo que tem sido chamado de seu “exterior constitutivo”, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído.

Destarte, acredita-se que o lugar de fala do sujeito é constituído a partir de posições históricas e culturais, compreendendo, assim, que os discursos, as representações e as apropriações são resultados dessas interações. É nesse sentido que os estudos judaicos propõem se dedicar à análise do discurso judaico que é constituído e está articulado a um contexto histórico, bem como de identidade cultural. O conceito de *diáspora* torna-se, nesse caso, significativo, compreendendo a identidade de um povo determinado que o é “povo” por ter posições contrárias aquelas dos dominantes.

Durante os séculos XI e XII, os judeus estavam divididos entre territórios dominados pelos cristãos e pelos muçulmanos. Nesse período, a vida da comunidade judaica estava fortemente influenciada pelo choque com essas duas sociedades. De fato, era difícil conservar a prática de uma religião como o Judaísmo, a qual não tinha força militar para apoiá-la, na atmosfera de Guerra Santa.⁶

A dominação dos árabes e dos berberes islamizados, desde o século VIII, trouxe consequências profundas para as comunidades judaicas que viviam em seus territórios. A possibilidade de viver como cidadãos de segunda categoria para os judeus, assim como para os cristãos, não significava a manutenção de seu *status quo*, nem de sua sobrevivência. Visto que apesar de garantirem a paz e a proteção desde que os povos dominados mantivessem a obediência, a lealdade e pagassem seus tributos específicos, as políticas de intolerância religiosa alternavam entre uma “tolerância desdenhosa” até um radicalismo extremo.⁷

Os muçulmanos tinham métodos próprios de dominação, e com base nos ensinamentos de Maomé, garantiram às outras crenças monoteístas a posição de

⁶ Cf. BEN-SASSON, H. H. (Org.). **Historia del pueblo judío**: la Edad Media. Madrid: Alianza, 1988.

⁷ Cf. CHOURAQUI, A. N. **Between East and West**: a history of the jews of North Africa. Illinois: Varda Books, 2001.

cidadãos de segunda categoria.⁸ Essa política é proveniente da ideia de “Povo do Livro”, ou *Ahl al-kitab*, que não remonta necessariamente ao fato de possuírem textos sagrados, mas sim de, tendo em vista esses textos, terem a possibilidade de prestar a obediência com maior facilidade.⁹ Esse “Povo do Livro” constituía o “povo protegido”, os *dhimmis*. Assim, os muçulmanos conseguiam manter as relações estáveis com aqueles que participavam, anteriormente, da estrutura econômica das regiões dominadas.

Contudo, a convivência entre os muçulmanos e os cidadãos de segunda categoria variavam em diversas regiões do mundo. O “pacto de Omar”, uma legislação especial que procurava regulamentar a existência dos judeus e cristãos, girava em torno, de fato, de uma discriminação religiosa, social, econômica e jurídica. Apesar de serem considerados como protegidos, o “pacto de Omar” propiciava a manutenção de uma “tolerância desdenhosa” em muitas localidades e em diferentes períodos.¹⁰

Nesse sentido, a garantia de sobrevivência era salvaguardada por uma série de restrições, que mantinham a posição de seres inferiores ao chamado “povo protegido”. Logo, as relações de alteridade e identidade estavam em constante tensão, em que o nível desse primeiro perpassava por políticas muçulmanas que eram vistas, à época, como “tolerantes”. Contudo, restrições eram adicionadas e retiradas conforme a vontade dos dominantes a medida que o radicalismo muçulmano ganhava forças ou não.

No século XII, em regiões como o Marrocos, o Norte da África e o Oriente Próximo a deterioração das comunidades judaicas se misturava a um desenvolvimento cultural, esse proporcionado pelas trocas de ideias e traduções de textos realizados pelos árabes. Contudo, esse desenvolvimento cultural não trazia melhorias significantes para as comunidades judaicas como um todo, e a sobrevivência na Diáspora ainda consistia no desafio supremo. É nesse contexto que

⁸ Cf. POLIAKOV, L. **De maomé aos marranos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

⁹ Cf. CHOURAQUI, A.... op. cit.

¹⁰ Cf. MASRIYA, Y. **Los judíos en Egipto**. Buenos Aires: Congreso Judío Latinoamericano, 1972.

Moisés ben Maimon escreveu seus principais escritos, e tornou-se um dos líderes das comunidades judaicas do Norte da África.

Moisés ben Maimon

Moisés ben Maimon, também conhecido como Maimônides, ou pelo seu acróstico na literatura rabínica como Rambam,¹¹ foi um polímata judeu que dedicou sua vida ao estudo e ao ofício comunitário religioso. Nascido em 1135 E.C., em Córdoba, na Andaluzia, e falecido em 1204 E.C., sofreu com as políticas de intolerância e radicalismo almôade quando ainda era criança. Os almôades se intitulavam os “proclamadores de Allah”, tomaram o Norte da África e a Península Ibérica, e sua chegada foi uma calamidade para as comunidades judaicas. Acreditavam que tinham o dever de difundir o Islã através da espada, por meio de políticas de conversões forçadas, mortes e exílios.

Tendo em vista a profunda crise persecutória instaurada com a invasão almôade, a família Maimon migrou, por volta de 1148 E.C., passando por diversas regiões até se fixar em Fustat, em 1164 E.C., região onde atualmente é o Cairo. Até então, seu irmão era o sustentáculo econômico da família, quem permitia que Maimônides se mantivesse dedicado aos estudos iniciados na juventude. De fato, foi através de seu pai que o Rambam iniciou seus estudos em diversas áreas do conhecimento. Com a continuidade destes ele conseguiu se aprofundar na literatura talmúdica, bem como a filosofia grega, a astronomia e a lógica. Porém, após a morte de seu pai e de seu irmão, Maimônides precisou assumir para si a responsabilidade quanto aos cuidados da família, passando a exercer a medicina.

O Rambam alcançou grande reputação como estudioso da Lei judaica e como médico. Por volta de 1177 E.C., foi apontado como *nagid*¹² pela comunidade judaica do Egito, podendo exercer a organização, a orientação e certa influência política em Fustat e em regiões circunvizinhas, como o lêmên. Como guia incontestável da

¹¹ O acróstico Rambam é a junção das iniciais de “Rabi Moshe ben Maimon”.

¹² Em muitos territórios muçulmanos, com exceção daqueles do califado Abássida, *nagid* era o líder da comunidade judaica. Era apontado e nomeado pelo governo muçulmano a partir de seu reconhecimento pelos judeus de sua comunidade, em especial quanto ao conhecimento e as orientações acerca da Lei judaica.

comunidade judaica de Fustat, podia exercer a proteção e favorecer o desenvolvimento cultural de sua comunidade.

Ele recusou a possibilidade de a comunidade pagá-lo pelo exercício de sua função de mestre e juiz da comunidade judaica em que vivia, visto que condenava que os fiéis sustentassem qualquer rabino ou funcionário religioso. Essa, inclusive, foi uma de suas principais críticas ao círculo rabínico de Bagdá, os *gueonim*,¹³ com os quais se envolveu em profunda querela, conhecida como a Controvérsia Maimonidiana,¹⁴ deflagrada por volta de 1180 E.C. Por isso, tendo que manter a sua família, constituída por irmãs, filhos e esposa, o Rambam passou a exercer a medicina. Seu prestígio nessa área permitiu que se tornasse médico de um vizir do Sultão Saladino.¹⁵

Apesar da sua grande reputação como médico, em especial no Norte da África, foram seus escritos teológicos e filosóficos que lhe garantiram renome histórico. Maimônides é autor de uma extensa lista de escritos em diversas áreas de conhecimento a serviço da fé, como comentários ao Talmude. Contudo, foi profundamente criticado por acreditar na possível identidade e conciliação entre religião judaica e filosofia grega. O Rambam pretendia provar que havia entre a razão e a fé uma identidade essencial, e que o entendimento ideal das Escrituras Sagradas era possível mediante a aplicação do cânone aristotélico. De acordo com Gerard Haddad,¹⁶ “[...] praticamente todos os movimentos de renovação do Judaísmo do século XX se basearam no pensamento maimonidiano”.

Maimônides não era um aristotélico puro, mas em seus escritos filosóficos é possível verificar um neoaristotelismo aplicado e adaptado junto de concepções neoplatônicas. É importante destacar que o conhecimento filosófico apreendido pelo

¹³ Os *gueonim* eram os líderes religiosos das academias rabínicas da Babilônia, e eram os principais responsáveis pelo ensinamento, estudo, interpretação e orientação acerca da Torá e da Lei Judaica. *Gueonim* é o plural de *gaon*.

¹⁴ A polêmica em torno dos escritos de Maimônides ficou conhecida como “Controvérsia Maimonidiana”. A historiografia tradicional divide essa controvérsia em três momentos importantes. A primeira fase se deu entre 1180 e 1204 E.C., a segunda fase entre 1230 e 1232 E.C., e a terceira fase, por sua vez, de 1300 a 1306 E.C. Esses foram períodos marcados por amplo debate e polêmica entre Maimônides, seus defensores e seus opositores. Tratou-se, efetivamente, de um conflito tanto religioso quanto político, visto que se inicia após às severas críticas realizadas pelo Rambam ao círculo rabínico de Bagdá.

¹⁵ Saladino (1138 – 1193 E.C.) foi um chefe militar curdo, que se tornou sultão do Egito e da Síria.

¹⁶ Cf. HADDAD, G. **Maimônides**. São Paulo: Liberdade, 2003. p. 16.

Rambam é resultado de estudo de traduções e comentários realizados pelos árabes e muçulmanos, como Averroes, Al Farabi e Avicena. Provavelmente Maimônides não tenha tido acesso aos escritos originais em grego, mas sim em árabe ou siríaco. Logo, há que se falar em uma apropriação indireta daquelas concepções demonstradas por Aristóteles e Platão na Antiguidade. De fato, o neoplatonismo judaico teve forte mediação islâmica e desenvolveu-se, em maior grau, nas comunidades que estavam sob domínio árabe.¹⁷

O Rambam produziu uma quantidade considerável de escritos, entre tratados científicos, cartas, comentários e textos filosóficos. Seus trabalhos mais conhecidos são *Comentário sobre a Mishná*,¹⁸ o *Mishné Torá*¹⁹ e o *Guia dos Perplexos*.²⁰ A grosso modo, os três escritos possuem assuntos comuns, mas as duas primeiras são relevantes, em especial, ao Judaísmo, enquanto que a terceira se tornou um marco para a filosofia religiosa como um todo.²¹

Entretanto, Maimônides recebeu severas críticas ao defender a compatibilidade entre razão e fé. Como concluído por Nachman Falbel, para Maimônides “[...] a filosofia é o meio e o caminho que conduz à divindade”.²² Em outras palavras, ele defendia, em seus escritos, a fé juntamente com conhecimento filosófico é o caminho pelo qual o homem consegue ascender espiritualmente. Esse posicionamento lhe rendeu muitas críticas e censuras, fazendo com que grande parte do que produziu não pudesse ser estudado pelos judeus de seu tempo.

¹⁷ Cf. GUTTMANN, J. **A filosofia do Judaísmo**: a história da filosofia judaica desde os Tempos Bíblicos até Franz Rosenzweig. São Paulo: Perspectiva, 2003.

¹⁸ O *Comentário sobre a Mishná* foi terminado por volta de 1168 E.C., é um escrito voltado para a exegese talmúdica. Nesse trabalho, Maimônides procurou apresentar o conteúdo da *Mishná* de forma sistemática, apresentando uma introdução ao estudo do Talmude. É nesse trabalho que delimita os Treze Princípios do Judaísmo. Cf. MAIMONIDES. **Comentário da Mishná**. Brasil: Maayanot, 2000.

¹⁹ Terminado por volta de 1180 E.C., o *Mishné Torá* é resultado dos estudos de Maimônides como talmudista. Nesse código, ele procurou oferecer um estatuto quase científico ao direito rabínico. É uma obra extensa, formada por catorze volumes, em que ele propõe um resumo das prescrições bíblicas e talmúdicas, as classificando e explicando. Possui reflexões práticas e teóricas, e seu objetivo primário era permitir que a Lei Oral judaica fosse conhecida por todos. Por isso, Rambam intitulou esse trabalho de *Mishné Torá*, uma vez que o considerava como “a repetição da Lei Oral”. Cf. MAIMONIDES. **Mishné Torá**: o Livro da Sabedoria. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

²⁰ O *Guia dos Perplexos* foi terminado por volta de 1190 E.C., e é considerado sua obra magna. É nesse trabalho que o Rambam propõe, claramente, sua aspiração máxima em conciliar religião judaica e filosofia grega. Cf. MAIMONIDES. **The guide for the perplexed**. 2 ed. London: Routledge and Kegan Paul Ltd., 1904.

²¹ Cf. DUJOVNE, L. **Maimonides**. São Paulo: Federação Israelita de São Paulo, s/d. p. 12.

²² C. FALBEL, N. Aristotelismo e a polêmica maimodiana. **Leopoldianum**. Vol. XI, n. 32, dezembro de 1984. p. 65.

Ressalta-se que, na Idade Média, qualquer teoria que não concordasse com a teologia tradicional era considerada herética, e que a filosofia era alvo de profunda suspeição.²³ Apesar de Maimônides tentar romper a distância existente entre razão e fé, é importante destacar que esse movimento de aproximação da filosofia grega inicia-se anteriormente a ele, mas tem nele seu ápice. Segundo Guinsburg,²⁴

O movimento filosófico que se inicia com Abraão ibn Daud e que exige uma síntese orgânica, racional, entre as doutrinas peripatéticas e os textos escriturais, encontra na obra de Maimônides a sua Suma rabínica.

Apesar do destaque dado aos escritos filosóficos e teológicos, o presente trabalho tem como objetivo analisar um documento epistolar. Maimônides dedicou grande parte de seu tempo à produção de correspondências, ou *responsas*, de cunhos pessoais e gerais. Ao todo somam-se mais de 400 cartas trocadas com discípulos, conhecidos, amigos e rabinos de diferentes localidades, como de Marselha e do lêmén. Além disso, possuem teores variados, abordando desde seu cotidiano no Norte da África, até temas filosóficos que considerava de extrema relevância. Destarte, as cartas do Rambam compõem uma importante chave para o entendimento de seu pensamento, e muitas consultas realizadas a ele demonstram seu destaque como um dos sábios judeus do final do século XI.

Epístola sobre a Apostasia

Dentre o extenso número de escritos de Maimônides disponíveis nos dias atuais, suas correspondências pessoais encontram lugar de destaque. Geralmente suas cartas respondiam às questões formuladas quanto à legislação rabínica, e muitas estão relacionadas com sua atividade como estudioso do Talmude. Essas, por sua vez, apresentam um caráter de personalidade. Segundo Teresa Malatian, "Trata-se de documentos escritos com a preocupação de alcançar um destinatário. Tal

²³ Cf. KRIEGEL, M. Judeus. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J. (Org). **Dicionário temático do ocidente medieval**. Vol I. São Paulo: Edusc, 2006.

²⁴ GUINSBURG, J. (Org). **Do estudo e da oração**: sùmula do pensamento judeu. São Paulo: Perspectiva, 1968. p. 405.

preocupação os torna testemunhos de redes de comunicações entre indivíduos e grupos".²⁵ Além disso,

Ao analisar a correspondência como objeto, o historiador levará em conta seu caráter altamente subjetivo e, mais do que a veracidade dos fatos e a sinceridade do escritor, irá buscar, nesses documentos, a expressão e a contenção do eu, em seus diversos papéis sociais, em termos de sentimentos, vivências e, principalmente, práticas culturais.²⁶

Nas correspondências de Maimônides, é possível verificar um autor consciente de seu lugar de fala, em especial a de um sábio da Lei de certo prestígio. Isso permite, assim, verificar o papel que ele desempenhava nas comunidades judaicas do Egito e regiões circunvizinhas. A *Epístola sobre a Apostasia* é justamente um desses escritos em que Maimônides responde a uma demanda e apresenta uma preocupação em explicar e orientar os judeus de seu tempo.

A referida epístola é ensejada por um evento anterior. Nesse, um judeu, que vivia sob cotidiano de perseguição e intolerância religiosa, enviou uma consulta a um rabino questionando se era permitido recitar a fórmula da fé muçulmana com o intuito de evitar a morte, ou se deviam aceitar a morte. Contudo, esse sábio rabino que fora consultado não vivia o mesmo contexto, nesse período, de experiência de intolerância religiosa. Por isso, sua resposta era de que deveriam morrer, padecendo em martírio ao invés de se converter pela coação. Ele dizia que

Afirmava, ademais, que os judeus que proferiram por coação a fórmula da fé islâmica, eram gentis, mesmo que tenham cumprido toda a lei. Se entravam na mesquita para orar e logo, após voltarem para suas casas, realizavam suas orações preceituais, o que faziam, segundo ele, era adicionar um pecado a outro pecado.²⁷

²⁵ MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 203.

²⁶ Ibidem, p. 204.

²⁷ Cf. VALLE, C. **Cartas y testamento de Maimonides**. Córdoba: Monte de Piedad y Caja de Ahorros, 1989. p. 114.

Esse posicionamento desse rabino foi enviado para diversas comunidades judaicas e provocou perplexidades, visto que os judeus estavam, em sua maioria, em situações extremamente delicadas de sobrevivência.

A *Epístola sobre a Apostasia*, em seu título original transliterado *Iggeret ha-Shemad*, é também chamada de *Tratado da Santificação do Nome*, e data de período entre 1162 e 1165 E.C. Foi escrita originalmente em árabe e posteriormente traduzida. Importante frisar que quando escreveu essa epístola, Maimônides, ainda não havia sido apontado como líder espiritual da comunidade judaica de Fustat, mas seu renome como estudioso da Torá e, principalmente, do Talmude era relevante. A *Epístola sobre a Apostasia* constitui uma resposta enviada por Maimônides à perplexidade causada pelo posicionamento do rabino supracitado. Nela, ele esclarece e refuta posicionamentos apresentados pela resposta à consulta realizada, em especial no que tange às conversões forçadas.²⁸ Ele afirma,

O consultado respondeu com uma digressão deficiente, inconsistente, sem sentido, na forma e no conteúdo. Ele desenvolveu um discurso capaz de prejudicar até mesmo as mulheres, carente de compreensão. Nós reproduziríamos plenamente o teor de suas palavras, mesmo que elas sejam abundantes, fracas e pesadas.²⁹

De início, Maimônides frisa que existe uma diferença fundamental entre aquele que aceita a conversão ao Islã voluntariamente e aquele que se converte forçadamente, mediante coação, ou seja, “pela força da espada”. Esse foi grave erro cometido pelo rabino consultado. Assim, tentando esclarecer esse erro, o Rambam divide sua carta em cinco seções: 1) sobre a classificação dos preceitos em tempos de perseguição; 2) sobre a definição da profanação do Nome e de seu castigo; 3) sobre o mérito dos martirizados pela santificação do nome e dos conversos forçados pela coação à apostasia; 4) sobre a atual apostasia e o que se deve fazer; e 5) como é

²⁸ É possível verificar que a referida epístola foi escrita após o *Mishné Torá* tendo em vista que no *Livro da Sabedoria*, primeiro volume do código, é possível identificar que o posicionamento maimonidiano sobre o tema das conversões forçadas e da não idolatria foi quase que repetido na íntegra. Assim, é possível compreender que o código tem escrita posterior à *Epístola sobre a Apostasia*, visto que alguns pontos aludem diretamente à essa.

²⁹ Cf. *Epístola sobre a Apostasia* (I:2).

melhor para o homem se proteger contra a apostasia.³⁰ Nessas seções, é possível verificar a construção de uma explicação lógica na demonstração de seu posicionamento sobre as conversões forçadas.

A respeito da primeira seção, quanto aos preceitos fundamentais que proíbem a idolatria, o incesto e o assassinato, Maimônides é claro de que nunca deverão ser relativizados. Isso significa que se alguém estiver forçado a violar esses preceitos, mesmo em tempos de intolerância religiosa, deverá morrer e manter-se firme.³¹ Na segunda seção, o Rambam esclarece que a santificação do Nome é o oposto da profanação do Nome, e reside no fato quando o judeu cumpre todos os preceitos e não tem outras intenções se não amar a Deus.³² Sendo assim, a profanação do Nome é um grave pecado, de fato sendo castigado aquele que o faz inadvertidamente ou intencionalmente.

Na terceira seção, no entanto, o Rambam explica sobre aquele que profana o Nome de Deus e a apostasia pela coação. Em suas palavras:

Se ele não se permite ser morto, mas viola a Lei por coerção, ele não age corretamente e profana o Nome de Deus por coerção. No entanto, ele não está sujeito a nenhuma das sete punições, já que não encontramos nenhuma parte da Lei, nem em relação a pequenos preceitos tão sérios, nenhum lugar onde o senhor deixa sujeito a punição aqueles que agem por coerção, mas só para quem trabalha com voluntariamente.³³

Há que se entender, conforme ele explica, que a profanação ao Nome de Deus só é punível com castigo, no caso o extermínio, se essa for intencional. Na ocasião em que ocorre a escolha entre a conversão e a morte, e o judeu opta pela profanação ao Nome de Deus para não ser morto, não cabe essa punição. De fato, essa diferenciação entre aqueles que convertem voluntariamente e aqueles que se convertem por coação é fundamental na perspectiva maimonidiana. Como se vê em:

³⁰ Cf. *Epístola sobre a Apostasia* (IV:23).

³¹ Cf. *Epístola sobre a Apostasia* (A:24).

³² Cf. *Epístola sobre a Apostasia* (B:28-29).

³³ Cf. *Epístola sobre a Apostasia* (C:32).

Quem diz ou pensa, porque os nossos sábios disseram: Ele vai deixar-se matar e ele não vai transgredir a lei, que se alguém violou a lei, ele permanece sujeito à morte, ele comete um grave erro. Porque a coisa não é assim, mas como vou me referir. Verdadeiramente, é necessário deixar-se matar, mas se alguém não se deixa matar, não está sujeito à morte.³⁴

Em sentido semelhante, a quarta seção faz referência ao contexto de intolerância religiosa em que o Rambam vive. Verifica-se, assim, uma ponderação a respeito do tema e um discurso brando, como

É necessário que quem quer que esteja passando pela atual perseguição se comporte nessas situações, como eu sugiro. Em primeiro lugar, que se proponha cumprir e executar o máximo dos preceitos possíveis. Se ocorrer que ele que tenha que quebrar muitos preceitos ou que tenha que profanar o sábado, transportando o que não é permitido transportar.³⁵

Mesmo Maimônides e sua família foram exilados de sua terra natal devido às perseguições religiosas, migrando por diversos lugares até se fixarem em Fustat. Provavelmente é sua experiência concreta que o faz aconselhar que os judeus procurem por regiões que permitam cumprir com suas obrigações diante da Lei judaica na totalidade, apesar de ser compreensível que em muitas regiões isso não é possível. Esse conselho é encontrado em vários de seus escritos, e também pode ser verificado na *Epístola sobre a Apostasia*: "Mas o conselho que dou a mim mesmo, o critério que tenho para mim, para meus amigos e para todos aqueles que me pedem conselhos, é deixar esses lugares e ir a um lugar onde possa observar sua religião e cumprir sua Lei, sem coerção ou medo".³⁶

De maneira geral, apesar de distinguir aquele que não observa os preceitos intencionalmente daquele que não os faz por coação, esse último é passível de retorno e, de certa forma, de compensação. Isso ocorre desde que essa seja temporária e com o intuito de sobrevivência. Contudo, no inteiro teor da epístola de

³⁴ Cf. *Epístola sobre a Apostasia* (C:32).

³⁵ Cf. *Epístola sobre a Apostasia* (D:35).

³⁶ Cf. *Epístola sobre a Apostasia* (D:36).

Maimônides, verifica-se que o ideal entre, em qualquer circunstância, é o exílio. Para ele, o futuro do povo de Israel está intrinsecamente ligado ao comportamento dos judeus diante das dificuldades históricas pelas quais estão passando. Manter-se leal à sua fé, observar os preceitos e sobreviver ao cotidiano persecutório são imprescindíveis.

Considerações Finais

A deterioração das comunidades judaicas sob domínio muçulmano e as políticas de perseguição religiosa tornavam a questão da sobrevivência judaica na Diáspora de máxima importância. Talvez isso explique o posicionamento de Maimônides em sua *Epístola sobre a Apostasia*, a qual ocupa um lugar interessante nos escritos de Maimônides.

É importante lembrar que a referida epístola foi escrita anteriormente ao apontamento do Rambam como *nagid*, por volta de 1162 e 1165 E.C. Nesse período, o lugar de fala de Maimônides é de um sábio estudioso judeu de relevante prestígio. No entanto, destaca-se a rigidez da manutenção da prática dos preceitos judaicos quando ele repete que o judeu deve evitar, a todo custo, a não profanação do Nome de Deus.

Contudo, o próprio Rambam viveu o contexto persecutório e precisou se mudar com sua família, migrando de região em região, e passando por experiências de “tolerâncias” e intolerâncias. Questiona-se se é essa experiência concreta que o permite olhar para seus contemporâneos e distinguir, categoricamente, aqueles que são convertidos voluntariamente daqueles que o fazem à força. Esses últimos com um objetivo único: a sobrevivência. Léon Poliakov ressalta que

Em apoio a essa tese, constata particularmente que os perseguidores, no mais das vezes, contentam-se com fazer pronunciar uma breve profissão de fé, “Alá é um, e Maomé é seu profeta” e, quanto ao resto, deixam que os judeus vivam de acordo com seus costumes e pratiquem os mandamentos da Torá.³⁷

³⁷ POLIAKOV, L.... op. cit., p. 54.

Como mencionado, o contexto e os processos históricos sob os quais os indivíduos e as comunidades vivem possuem significativa importância na formação de discursos e locais de fala. Apesar da rigidez na prática dos preceitos do Judaísmo, Maimônides, ainda sem ocupar o lugar de líder espiritual da comunidade judaica de Fustat, consegue manter um discurso brando. Ele o faz diferentemente do outro rabino, primeiro consultado, que respondeu de maneira rígida e condenou aqueles que se convertiam ao Islã, independentemente de suas razões.

Posteriormente à *Epístola sobre a Apostasia*, Maimônides escreveu o *Mishné Torá*, em que ele terá postura rígida quanto aos preceitos e orientações da prática correta do Judaísmo, mas que também apresentará um discurso brando a respeito daqueles que vivem contextos de intensa perseguição religiosa. Esse escrito, por sua vez, foi terminado em 1180 E.C., e tinha como público alvo todos os judeus que pudesse alcançar, mediante uma retórica didática, clara e concisa. Em mesmo sentido, na *Epístola do lêmén*, escrita em 1172 E.C., o Rambam manterá o posicionamento brando a respeito daqueles que são conversados à força.

É possível verificar que o objetivo de Maimônides em refutar os posicionamentos rígidos do rabino consultado naquela ocasião era de salvaguardar a vida. Se a história do povo judeu é a história da lealdade dos judeus a Deus, a provação dessa poderia levar a extinção das comunidades judaicas se todos os rabinos de seu tempo continuassem afirmando que deveriam preferir a morte à conversão forçada. Pensando nisso, Maimônides não aconselha que se aceite a conversão forçada, como pode-se verificar.

De fato, o conselho de Maimônides na *Epístola sobre a Apostasia* é de que os judeus fujam dos territórios em que as políticas de intolerância e de radicalismo estivessem insustentáveis. O ideal, para ele, seria que os judeus não pensassem em ter uma escolha entre a conversão ou não, mas que optassem sempre pelo exílio. Contudo, na ausência dessa possibilidade, salvaguardar a vida é compreensível para a sobrevivência judaica na Idade Média. É possível que essa seja a lógica do Rambam quando ele afirma: aquele que viola um preceito será punido por isso, mas se o

observa será compensado também.³⁸ Em suma, o discurso de Maimônides é de que há retorno para aqueles que se convertem mediante a coação, visto que o mais importante é haver para onde retornar. Em outras palavras, o foco primordial é permitir a sobrevivência judaica diante dos diferentes contextos impostos pela experiência na Diáspora como minoria religiosa.

Referências

- BEN-SASSON, H. H. (Org.). **Historia del pueblo judío: la Edad Media**. Madrid: Alianza, 1988.
- BOAS, F. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CHOURAQUI, A. N. **Between East and West: a history of the jews of North Africa**. Illinois: Varda Books, 2001.
- DUJOVNE, L. **Maimonides**. São Paulo: Federação Israelita de São Paulo, s/d.
- FALBEL, N. Aristotelismo e a polêmica maimodiana. **Leopoldianum**. Vol. XI, n. 32, dezembro de 1984.
- GUINSBURG, J. (org). **Do estudo e da oração: sùmula do pensamento judeu**. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- GUTTMANN, J. **A filosofia do Judaísmo: a história da filosofia judaica desde os Tempos Bíblicos até Franz Rosenzweig**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- HADDAD, G. **Maimônides**. São Paulo: Liberdade, 2003.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 103-133.
- KRIEGL, M. Judeus. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J. (org). **Dicionário temático do ocidente medieval**. Vol I. São Paulo: Edusc, 2006.
- MAIMONIDES. **Comentário da Mishná**. Brasil: Maayanot, 2000.
- MAIMONIDES. **Mishné Torá: o Livro da Sabedoria**. Rio de Janeiro: Imago, 2000
- MAIMONIDES. **The guide for the perplexed**. 2 ed. London: Routledge and Kegan Paul Ltd., 1904.
- MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 195-222.
- MASRIYA, Y. **Los judíos en Egipto**. Buenos Aires: Congreso Judío Latinoamericano, 1972.

³⁸ Cf. *Epístola sobre a Apostasia* (C:34).

POLIAKOV, L. **De maomé aos marranos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 73-102.

VALLE, C. **Cartas y testamento de Maimonides**. Córdoba: Monte de Piedad y Caja de Ahorros, 1989.

Recebido em: 29/06/2018

Aprovado em: 21/07/2018